



Comunicação e Educação: a sensibilidade das relações no hipertempo¹

Fábio Maikel Pereira ALVES²

Suelaine Soraia Cantanhede PEREIRA³

Rose FERREIRA⁴

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO

Na sociedade contemporânea discute-se o fenômeno da Comunicação dentro de um contexto Moderno e a implicação de sua passagem para o **Hipermodernismo**, chegando ao que se denominou de Pós-moderno. Se na visão freireana a comunicação é um diálogo possível entre homens, para o filósofo Lipovetsky nas relações que se estabelecem com esse hipercontexto deve haver a preocupação com a experiência de alteridade, sem o individualismo e fugindo dos padrões tradicionais da cultura do ensino. Nesse sentido, José Luiz Braga destaca o desenrolar do processo mediático como fomentador desses novos meios.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; sensibilidade; deficiência; educação; hipermodernidade.

INTRODUÇÃO

Em pleno século 21, a sociedade ainda não se acostumou a conviver com as diferenças. A felicidade estabelecida no mundo é o que se pode dizer “na medida do possível”, é uma forma de adaptação, algo mais animal do que humano. A prova disso é a falta de afetividade e a intolerância que nos rodeia.

Na Comunicação de massa, enquanto um grupo produz o outro recebe. A produção é ligada ao poder econômico. Atualmente, na era digital, é necessário apenas boa idéia para se romper a relação de produção, circulação e consumo. Sendo assim, com o barateamento

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Programa avulso de vídeo/TV (Campanha Educativa).

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Rádio e TV, e-mail: fabioalvescom@hotmail.com.

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Rádio e TV, e-mail: soraialobos@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Rádio e TV, e-mail: roseferreira@uol.com.br.



dos custos, o uso das tecnologias da Comunicação pode, e deve, ser pensado como alternativa para melhor desempenho do papel de educador, como sugere Freire.

A hipermodernidade, de Lipovetsky, evidencia a barbárie e o individualismo pelo qual o mundo passa, um verdadeiro culto ao exagero, onde tudo é hiper: hipermercado, hiperconsumismo, hipermídia; em que o pensamento é no hoje, aqui e agora, sem preocupações com o futuro.

É nesse ambiente de rapidez, e de emergência em tudo, que as pessoas com deficiência encontram dificuldade maior, porque a preocupação dos ditos normais é em atingir as próprias metas. A vida segue num verdadeiro estado de letargia, como se tudo estivesse ao nosso dispor ao menor esforço de um ‘click’.

2. OBJETIVO

A campanha proposta em nosso trabalho tem por objetivo sensibilizar as pessoas sobre este mundo de loucuras, barbárie e culto ao exagero. A sensibilização dessas pessoas pode vir por meio de vídeos e áudios de grande impacto para esta sociedade, alertando-as para uma visão mais crítica e detalhada sobre o que está acontecendo. É preciso que se entenda que há sempre alguém que precisa de ajuda.

3. JUSTIFICATIVA

Com a hipermodernidade, o ser homem (pessoa) está perdendo o caráter humano, deleitando-se de prazeres que justificam o hiperindividualismo relatado por Lipovetsky. Percebendo essa relação do eu-comigo-mesmo, e o total estado de ignorância ao próximo, fizemos um vídeo que pode se tornar uma campanha que evidencie tal comportamento, alertando a sociedade para as pessoas que necessitam de maior atenção - as pessoas com deficiência - de maneira que não estaremos criticando o Estado, mas a sociedade que o forma.



4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Reunimos uma equipe de alunos, sob orientação da professora Rose Ferreira e apoio técnico do cinegrafista Geovani Guterres e o editor Gílson Silva (Técnicos do Laboratório de TV da UFMA), fizemos duas filmagens que abordam o tema do nosso trabalho, tomando como exemplo as dificuldades de cadeirantes para levar uma vida normal.

O roteiro dos dois vídeos foi escrito por Fábio Alves (Aluno líder deste trabalho), Soraia Pereira (também inscrita neste trabalho) e Deugliane Quadros; as imagens são de Eduardo Nogueira e Paulo Fernando; edição: Jeanne Marques e Joseane Penha; a produção do vídeo foi monitorada por Virgínia Diniz e Pedro Canto e a direção foi de Fábio Alves, Soraia Pereira e Deugliane Quadros. Os atores do primeira filme são alunos do Colégio Universitário e do segundo vídeo são alunos do curso de Comunicação Social da UFMA.

5. COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: A SENSIBILIDADE DAS RELAÇÕES NO HIPERTEMPO

O século XIX é destacado por alguns autores, e entre eles José Luiz Braga e Regina Calazans (2001), como o momento em que a comunicação torna-se questão imprescindível para a sociedade por dois motivos. O primeiro, foi possível a partir do desenvolvimento do processo mediático que possibilitou a diversificação dos meios. Aqui, os autores explicitam bem que é o processo mediático que vai possibilitar a criação de novos meios, e não os avanços técnicos e tecnológicos que vão direcionar o modo de comunicação na sociedade.

O outro ponto, trata o espaço e o papel que a comunicação recebeu em distintas áreas como política, educação, economia, em instituições e outras. Quando se trabalha dois campos de conhecimentos juntos, a tendência é que um, por ser considerado mais importante, seja subordinado às perspectivas do outro. Com a comunicação não é diferente. Geralmente se utiliza dela como ferramenta de promoção para uma outra área. Mas, no campo da comunicação e educação essa sujeição dará espaço à interface: *comunicações educacionais*.

O conceito de educação, para os autores, transcende o modelo - professor ensina e aluno aprende-, mas esclarecem que nenhum assunto é desprovido de reflexão, logo, não estará aquém das questões educacionais. Nesse sentido, a educação torna-se o ponto crucial

no desenvolvimento das interações sociais, pois que a cada descoberta ou novo meio que surge, temos em ‘torno da invenção uma expectativa educacional’.

A mola mestra de compreensão para as interações sociais que emergem pode-se denominar: *conversa*ção. Segundo Francisco Rüdger, a conversação “constitui uma espécie de mediações cotidianas do conjunto das relações sociais” que contribuem não só para o processo, como para o direcionamento de postura que se toma na sociedade. Para o referido autor é o resumo do que compõe o campo da comunicação. Conversação implica em primeira análise para o aspecto da troca. Os elementos que vão compor essa troca e suas implicações não têm destaque neste primeiro momento. Ter a conversação como base dos estudos entre a comunicação e educação nos revela ainda, outro anseio do processo de mediação: entender como a sociedade dialoga consigo e se apresenta a si mesma.

De acordo com Luís Cláudio Martino (2001) não é a tradição que forma o indivíduo (mas nós, afirmamos que também) e suas relações, mas a partir de seu engajamento gratuito nas variadas organizações e grupos sociais. Martino afirma: “o processo comunicativo passa a ser investido como estratégia racional de inserção do indivíduo na sociedade”. A citação contempla a afirmação do início, de que a demanda e objetivos comunicacionais direcionam as técnicas e aperfeiçoamento dos veículos de informação de maneira a viabilizar e ampliar o leque das interações. E não os inventos ‘laboratoriais e acadêmicos’ que moldam o comunicar social, para Regina Calazans: “a sociedade gera, desenvolve e usa um conjunto de meios diversificados para uma multiplicidade de necessidades e propostas variadas”.

Cada veículo de informação que surge traz em si a potencialidade de educação, não obstante a autora destaca que a base de interesse geral das mídias modernas passa pela tríade: propagação/atualidade/diversão. Apesar de os grandes veículos de comunicação que produzem e propagam em grande escala estarem nas mãos de um punhado de organizações privadas ou grupos políticos, e girarem em torno do modelo capitalista, o efeito colateral desse avanço tecnológico é positivo. Haja vista, que os meios de se produzir são de fácil acesso “para usuários individuais e para os grupos organizados na sociedade”. Apesar da concentração dessa produção, o modelo não se faz inflexível.

Para a compreensão da Comunicação Social moderna é importante analisar como a sociedade se relaciona com esse sistema, e não apenas tecer críticas ao *modus operandi* dos grandes veículos. Para efeito de análise e didático, José Luiz Braga e Regina Calazans trabalham com as interações em três situações: interações conversacionais, interações mediadas de tipo dialógico e interações diferidas ou difusas. Não explicaremos as três interações, apenas vamos discorrer sobre os pontos que nos constam como relevantes.

Na interação conversacional um elemento de grande expressão nessa troca simbólica é a “implicitação”. A carga semântica de valores, do lugar de onde se fala, da cumplicidade com o interlocutor se desdobra na troca simbólica que se constrói ao vivo, evidente que ambos têm elementos (não estabelecidos) prévios para iniciar, mas o objeto final “só existe e se constrói na interação”.

Disso decorre, a imprevisibilidade do processo. O que nos revela que “nem toda conversação é positiva, produtiva e socialmente simétrica e isenta de controles ou favorecedora de autonomia (...) os processos sociais são como a sociedade os faz”.

Os autores enfatizam no que optaram por nominar de - interação social mediática. Aqui, o que interessa é saber como os sujeitos sociais e os segmentos interagem sobre os produtos mediáticos disponibilizados. Os materiais simbólicos que circulam são usufruídos, interpretados e servem como fonte de ações entre os sujeitos, produzindo efeitos de sentidos.

É a mutabilidade, a não-linearidade desse processo que caracteriza uma sociedade mediatizada. Ademais, a referência que se faz a sociedade mediatizada é um contraponto ao que vulgarmente se chama de ‘sociedade midiaticizada’. Não se descarta a mídia nesse processo, pelo contrário, ela é a principal propulsora da tríade que citamos anteriormente, e também está presente e tem sua relevância para as trocas simbólicas produzidas; só não se admite que seja a mídia quem vai determinar “as estruturas sociais ou que seja monolítica e totalizante”.

Temos, por fim, que o entendimento da relação entre sociedade, comunicação e educação não pode se limitar a críticas severas à cultura de massa e à indústria cultural. Mas perceber a Comunicação Social como parte integrante de qualquer atividade lúdica ou



científica, permitindo, nessa experiência, a análise e reflexão e a identificação do objeto no contexto que lhe é devido; problematizando-o e à medida do possível evidenciar soluções.

O autor pós-moderno, filósofo francês e sociólogo, Gilles Lipovetsky (2004), criou o termo “hipermodernidade” para explicar o momento de exacerbação pelo qual a sociedade atual está passando. Essa extrapolação ao qual Lipovetsky se refere está relacionada aos valores criados na Modernidade.

A cultura do excesso traz consigo conseqüências, tais como: o consumismo e a intensidade, além de urgência das coisas. O autor mostra quão rapidamente as coisas mudam, num ritmo quase esquizofrênico. Dessa forma, muitos setores da sociedade busca na flexibilidade e na fluidez uma tentativa de acompanhar a velocidade da hipermodernidade.

No livro “*L’Ere du vide*” (1983), ele relata o “paradigma individualista” – em que o homem se preocupa em se diferenciar na multidão, realizar suas vontades com um certo imediatismo, viver o presente, aqui e agora, sem se deixar preocupar em seguir ideologias políticas ou se espelhar em alguém.

Em “*Os tempos hipermodernos*” (2004), Lipovetsky dá continuidade a este pensamento, ele situa a sociedade pós-moderna, contrapondo a ela a hipermodernidade. Aponta como característica da pós-modernidade cisão com os fundamentos absolutos da racionalidade e falência das grandes ideologias da história. A priori, tem-se a idéia de que a sociedade seria mais diversa, mais facultativa e menos preocupada com o futuro. Dessa forma, a temporalidade seria dominada pelo precário e pelo efêmero, primado dos gozos do momento presente.

O hedonismo avança com a individualização das condições de vida, o culto de si e do bem-estar privado. Isso é o que seria para o autor o pós-modernismo, mas, o hipermodernismo vai além destas características, pois, a palavra hiper é utilizada para reforçar a idéia de exagero: hipermercado, hipertexto, hipercapitalismo.

Com toda essa rapidez e todo o exagero, a sociedade torna-se cada vez mais individualista (hiperindividualista, segundo o autor) e enxerga cada vez menos o que se



passa ao seu redor. O ritmo acelerado do cotidiano não permite que as pessoas possam colocar seus desejos em segundo plano, mesmo que isso lhe tire apenas alguns minutos para ajudar alguém ou tratar o semelhante com o devido respeito e/ou atenção.

No filme “*Click*” (2006), o autor mostra que este tipo de comportamento é como se as pessoas estivessem no “piloto automático”, é como se fizessem apenas o básico para defender os próprios interesses.

Em nosso vídeo, tratamos do assunto como falta de sensibilidade. Até onde vai a sensibilidade humana, no sentido de perceber que o seu próximo precisa de ajuda para ter o direito de viver normalmente na medida do possível?

Com a hipermodernidade, mesmo que ainda haja a boa vontade de muitos, a maioria não consegue perceber que ser normal é ser humanitário.

É nesse sentido que Paulo Freire pensa a comunicação como transformadora dos homens em sujeitos. Com esta compreensão, Freire fundamenta a educação como um processo mútuo de aprendizagem/construção do saber. As relações evasivas e horizontais cedem lugar às relações dialéticas e sensíveis, mesmo no hipertempo destacado por Lipovetski. Nessa perspectiva que as tecnologias se mostram como um campo vasto de análise e reflexão, logo de estudo e aprendizagem. Não só porque vivemos em uma sociedade mediatizada, mas porque as relações homem/homem e homem/máquina se modificam significativamente. A demanda social gera e desenvolve novos meios e processos de comunicação. Retomamos José Luiz Braga quando destaca que os meios e as tecnologias de interação são oriundos desses processos de interações sociais.

6. CONSIDERAÇÕES

Um diálogo possível em meio a um turbilhão de informações e novos meios e mensagens de comunicação, tal é o caminho por onde a pesquisa/produção ousou passar. Numa tentativa de compreender que é possível frente ao hiperconsumismo, à



hipermodernidade e ‘outras hiper’ estabelecer e propor relações em que a sensibilidade e o reconhecimento do outro como sujeito social, também cresçam na construção do saber. Sem perder de vista o retorno crítico à ação, ou seja, a reflexão e a ação que, para Freire, são essências da comunicação, tendo como mediação, independentemente do meio, a palavra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação e educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001. (Col. Comunicação).

GOMES, L. F. **Cinema nacional**: caminhos percorridos. São Paulo: Ed.USP, 2007.

RÜDGER, F. **Elementos para a crítica da Cibercultura**. São Paulo: Ed. Hackers, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
_____. Educação e mudança. 15ª edição. Rio de Janeiro.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.